

LITERATURA E HISTÓRIA: UM RIZOMA POSSÍVEL

Sandra Aparecida Schnaider¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa

sandraschnaider@superig.com.br

Resumo

Para este artigo, tomou-se a literatura como uma das áreas que mais possibilita reflexões e estudos, por envolver uma série de componentes que permitem análises. Estuda-se a literatura em relação ao cinema, ao jornalismo, à música. Por épocas, por temas, por autores e também se trabalha a literatura “apenas” pelo prazer da leitura ou como meio para análises lingüísticas e teóricas. Mas se pode pensar a literatura em relação à história, como a história se encontra no interior da literatura e como os escritores se “apropriam” de fenômenos sociais e históricos revestindo-os de um caráter literário, de que mecanismos se valem esses autores? A investigação sobre as relações entre o discurso literário e o histórico é o principal objetivo deste trabalho. O estudo compreende a análise dos livros didáticos públicos de Língua Portuguesa e História, adotados no Colégio Estadual Professor João Ricardo Von Borell du Vernay, Ponta Grossa, Paraná, em 2007, de 8ª série e Ensino Médio, percebendo se a estratégia adotada pelos autores no trato com os textos literários e históricos é rizomática. Pois uma das perspectivas teóricas presentes nos estudos de literatura é a filosófica, nesse sentido podemos tomar a noção de *rizoma* de Deleuze e Guatari, isso significa trabalhar com os textos literários estimulando associações entre os mesmos e destes com outras áreas, num constante jogo de aproximações (ou contrastes?) entre as leituras. Criando-se, assim, condições de múltiplas construções de significados, como preconizam as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná para o ensino de literatura no Ensino Médio.

Palavras-chave: literatura, história, rizoma, livro didático.

Introdução

Como aproximar literatura e História? De que forma os professores da área de língua portuguesa podem trazer à tona em

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio Estadual João Ricardo Von Borell du Vernay em Ponta Grossa e do CESCAGE, Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais.

suas aulas questões históricas a partir de textos literários, sem que se perca a visão artística do trabalho do escritor? Que diálogos podem ocorrer entre essas duas áreas do conhecimento?

Sabe-se que a História está de forma muito intensa presente nos estudos sobre literatura e que estudar literatura sem ter conhecimento do momento histórico em que viviam os autores é quase impossível. Mas para este estudo procurou-se, não um estudo cronológico de textos e de autores, mas sim entender como se dá a apropriação pelos autores literários de temáticas históricas e como acontece a exploração pelo professor dessas duas vertentes, em livros didáticos: o fato histórico em si, na sua realização social concreta, e o trabalho artístico do poeta e do ficcionista na reconstrução desse acontecimento.

Para isso tomamos por base que essa aproximação é possível e coerente, podendo ser claramente visualizada em inúmeros textos da literatura brasileira, desde Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Castro Alves, Adolfo Caminha, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Graciliano Ramos e outros, nos quais o leitor, no momento em que lê, recupera imagens e episódios históricos, encontrando assim outra forma de ler esses fatos que constituem a realidade e que motivam a arte literária, pois o escritor pode se valer de um fato da História para sua construção artística.

Discurso histórico versus discurso literário

A História, sem dúvida, penetra na literatura, para falar de literatura temos que passar também pela História, então podemos fazer com que pela leitura dos textos literários o aluno faça um exercício de “puxa-texto”, termo utilizado nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná para o ensino de Língua Portuguesa, trazendo à

mente todas as possíveis relações com outros textos, em especial, com os relacionados à História, motivo deste estudo.

Para Magnani (1989), deve-se ter claro em mente que o fato literário está ligado ao momento histórico em que é gerado. O termo literário designa algo vivo e dinâmico, em constante transformação, não se resume à dicotomização conteúdo e/ou forma, mas tem relações com o contexto histórico e social. Trabalhar a leitura é demonstrar que ela não é um ato isolado de um indivíduo frente ao escrito de outro indivíduo. Não é só decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo lingüístico enquanto fenômeno social. Estão envolvidas nesse processo as histórias de leitura do texto e do leitor, bem como os modos de percepção aprendidos como normas, em determinada época e por determinado grupo. De um ponto de vista interacionista, a leitura é um processo de construção de sentidos.

Nessa construção de sentidos, buscar as relações entre a literatura e a História é bastante produtivo, desenvolve a capacidade dos alunos de pensar e refletir sobre sua própria história e seu papel nesse exercício mental que é ler. Poder acompanhar como os escritores de literatura tomam emprestados os temas que fazem a nossa história “real” para construir uma obra literária que pode ser um poema, conto, crônica, romance ou outra forma de escrita considerada literatura, deve ser uma prática instigante e constante.

Partir do viés artístico para trabalhar fatos históricos e sociais parece uma forma construtiva de se conhecer a história do passado e ainda de se perceber o movimento que o homem realiza na constituição da sua história, com seus anseios, seu comportamento, suas visões do mundo, e, portanto, pode ser tomada como campo de pesquisa para aproximação com a História.

Sabe-se que alguns autores colocam a arte: poesia, ficção, no campo do etéreo, do sonho, da fantasia, desqualificando-a como modo

de conhecimento da realidade. Mas isso não é verdade incontestável. Paul Veyne (1982) reafirmou a propensão da História à narrativa e à literatura, sugerindo que o historiador, no seu ofício, agiria como o literato, tomado pela trama e pelo enredo constituído subjetivamente. O historiador deve se apropriar da noção de intriga, elaborada pela ficção, recurso que possibilitará uma compreensão aberta do real. O historiador não deixa de inventar, à sua maneira, isso significa dizer que, mesmo sem admitir, o historiador acaba se apropriando de alguns recursos que são próprios da arte literária para a composição do seu discurso histórico.

José Saramago (1990) cita que “parece legítimo dizer que a História se apresenta como parente próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações...Lendo esses historiadores, temos a impressão de estar perante um romancista da História, não no incorreto sentido da História romanceada, mas como o resultado duma insatisfação tão profunda que, para resolver-se, tivesse de abrir-se à imaginação.” Conclui-se então que a História e a literatura são formas de conhecimento do mundo, reservando-se as suas especificidades.

Hayden White (2001) afirma que: “...tem havido uma relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência.”

Como nos falam, em seu artigo, Carlos Vinícius Mendonça e Gabriela Santos (2002): “... a literatura pode ser considerada como uma leitora privilegiada dos acontecimentos históricos”, porque pode, trabalhando artisticamente a palavra, dar ao fato histórico, nova vestimenta, incrementando-o com os recursos próprios da criação poética e ficcional.

O texto literário já foi produzido com um fim de denúncia, ocupando o lugar da verdade histórica, com um fim de reconstituição de fatos históricos ou apenas registro de episódios de nossa História, pois como nos diz Bakhtin (1997): “o gênero discursivo do romance implica uma atitude responsiva ativa de ação retardada, potencialmente eficaz na construção das memórias e identidades sociais”, podendo assim resgatar episódios históricos através das produções literárias. Do ponto de vista da História da Literatura, talvez não se devesse usar o termo restauração do passado, mas uma ressurgência do passado no ato da leitura, por isso todo texto se atualiza a cada leitura, reflexões estas presentes no Livro Didático Público de Língua Portuguesa para o Ensino Médio do Estado do Paraná. A literatura, assim, acaba sendo um processo, porquanto seja uma instituição social viva. Processo histórico, político, filosófico, semiótico, lingüístico, individual e social, a um só tempo. O real da Literatura, como nos diz Ribeiro (2000), “...é um processo que envolve atores historicamente situados em contextos sociais claramente definidos. A cada leitura, na trama da dialética que se estabelece entre leitor/texto/autor, constitui-se uma realidade histórica e social inédita.” Nessa interação com os textos, o leitor agrega os seus valores, as suas posições, gerará significações distintas a cada leitura, tornando o texto uma dinâmica viva.

Podemos entender que História e literatura são aproximações à realidade, que se fazem com a utilização de meios narrativos, mas isso não é equivaler História e literatura.

Investigar as relações entre o discurso literário e o discurso histórico é confirmar que o discurso literário é polissêmico, mostra a cada vez novos significados e permite diferentes interpretações e relações, faz uso da metáfora, metonímia, ironia e tantas outras formas para construção de sua mensagem, através de pontos de vista variáveis de um narrador ou eu-lírico todo subjetivo.

E ao discurso histórico não cabem elementos tipicamente literários? A idéia de que todo texto historiográfico, principalmente quando narrativo, tem elementos ficcionais não é nova, basta citar nomes como Hayden White nos EUA; Paul Ricoeur e Roland Barthes na França; Hans Robert Jauss na Alemanha, pois segundo estes, a seleção e organização dos fatos dependem da perspectiva, do conhecimento, do interesse cognitivo, da ideologia e da formação literária do historiador.

Segundo White (2001), o relato historiográfico é "...uma ficção verbal cujo conteúdo é tanto inventado como encontrado, e cujas formas têm mais em comum com a literatura do que com as ciências." Sabemos que ambos os discursos utilizam o mesmo signo verbal que é a linguagem para sua expressão. O artista/escritor pode se valer do fato histórico para sua construção artística. É claro que um texto literário pode ser mais livre, enquanto ao historiador tal prerrogativa é negada ou pelo menos limitada.

Por isso, os Parâmetros Curriculares do Estado do Paraná apregoam o trabalho com o texto literário tendo em vista uma perspectiva rizomática, tomada aqui como a possibilidade de se fazer inúmeras relações entre o texto e outras formas de expressão, sendo uma delas o discurso histórico. Não se deter apenas no trabalho com a literatura no seu modo linear, cronológico, mas sim desenvolver atividades que proporcionem momentos de múltiplas construções de significados e que transitem por diversas épocas, tipos de produção escrita, outras áreas de conhecimento e artes de modo geral.

Como pressupõe Deleuze e Guattari (1995), um rizoma leva à libertação do pensamento em relação à linha do tempo e com isso podemos entender que há várias entradas nos textos literários, então por que não adentrar pela porta dos temas relacionados à História? Buscando sempre, é claro, novas e variadas relações que vão se estabelecendo com outros textos e que permitam as aproximações

suscitadas, não esquecendo de levantar as características peculiares de cada discurso: o histórico e o literário. Enaltecendo sempre o trabalho artístico que faz o escritor de literatura nas suas produções, criando no aluno leitor a capacidade de gerenciar as diferenças e semelhanças encontradas, colocando em destaque a elaboração do discurso literário, de como se dá a formalidade do texto, como isso é que valoriza uma obra e a qualifica como literatura.

Na perspectiva do rizoma, o trabalho do leitor é tecer essa rede de significados, atribuir sentidos, buscar relações, abrir novas entradas, trazer para o presente, para o momento da leitura as novas possibilidades de reflexão, por isso o texto literário nunca fica ultrapassado. O livro não é a representação do mundo, ele faz um rizoma com o mundo, estabelece relações com ele e nele.

Segundo os autores, o rizoma é aquilo que possui direções movediças, fica sempre no meio, pode ter várias entradas e saídas, definidas pelos autores como platôs, pode ser rompido em qualquer momento, significando as diversas ramificações, agenciamentos, que podem ser instaurados no momento da leitura.

A perspectiva rizomática nos livros didáticos do estado do Paraná

A preocupação dos educadores de todas as áreas sempre é proporcionar aos estudantes uma aprendizagem cada vez mais significativa e instigante. Para isso, as áreas como História e Língua Portuguesa sempre investigam e investem em novas formas de trabalhar com os seus conteúdos. Uma dessas formas vem sendo desenvolvida nos livros adotados nos colégios estaduais no estado do Paraná. O livro didático público destinado aos alunos do Ensino Médio distribuído no início do ano de 2007 traz uma proposta nova na abordagem dos conteúdos estruturantes determinados pelos Parâmetros Curriculares do Estado. Tem o formato de Folhas,

organizado numa proposta interdisciplinar de até três disciplinas, construído pelos próprios professores da rede estadual. Em nossa análise tomaremos como base os livros citados de História e Língua Portuguesa, para averiguar até que ponto há uma abordagem de cunho rizomático.

O livro didático de História traz como referência textos literários como forma de aproximação e relação de sentidos para o conhecimento dos fatos históricos. Dois momentos serão tratados como exemplos.

No capítulo destinado à Formação dos Estados Nacionais em que se discute as vertentes positivas e negativas do “caráter nacional brasileiro”, coloca-se em evidência positivamente a questão de nossa formação advinda das três etnias: os indígenas, os africanos e os europeus, desconsiderando o preconceito racial. Na perspectiva negativa, a visão dessa nossa formação e das relações entre as raças buscou mascarar as diferenças existentes, citando a forma de violência branca e da resistência negra em relação a esta.

Coloca-se então que o outro elemento que contribui para a idéia de nação foi o modo como a literatura brasileira, através do Romantismo, retratou a independência política e a formação de uma imagem positiva do Brasil e do seu povo. A exaltação à natureza pátria, à valorização e idealização dos índios, vistos como heróis, semelhantes aos cavaleiros medievais são demonstradas no livro de História através de textos como “A Canção do Exílio” e “I-Juca Pirama” de Gonçalves Dias.

Depois dos trechos busca-se através das atividades uma reflexão sobre a forma de composição dos textos e por que estes devem ser levados em consideração no estudo do fato histórico, puxando o raciocínio do aluno para como foi concebida, afinal, a idéia de nação brasileira.

Outra menção que se faz a fato histórico em relação à produção literária é quando se apresenta no capítulo: “Movimentos sociais, políticos, culturais e religiosos na sociedade moderna”, o acontecimento da Inconfidência Mineira e é transcrito um trecho em que são colocados os objetivos deste movimento e logo na seqüência é selecionado da literatura um fragmento do livro “Romanceiro da Inconfidência” de Cecília Meireles, para a devida comparação entre as idéias e os fatos apontados no poema com os presentes no trecho anterior. Nesse caso não houve uma reflexão acerca da forma, da elaboração do poema, explorou-se apenas a temática comum entre eles. Não podemos esquecer de que se trata de um livro de História, portanto as discussões giram em torno do fato histórico de modo mais evidente.

Situação inversa poderia também ocorrer, nas aulas de Língua Portuguesa, a partir do texto de Cecília Meireles os alunos conseguirem fazer a conexão com a aula de História, e assim se poderia explorar toda a potencialidade de produção da autora, detalhando as características do texto poético em relação à construção do discurso histórico, oportunizando ao aluno tanto o conhecimento do fato real como do valor estético do texto literário.

Mesmo tendo essa abordagem mais sutil, é relevante salientar a tentativa bem sucedida de uma perspectiva rizomática na obra, pois se busca relacionar História e literatura, partindo de um platô que seria o acontecimento histórico e buscando novos agenciamentos, no caso, com os textos literários de temáticas afins.

Outra contribuição significativa para a nossa reflexão vem do livro “História em documento: Imagem e Texto” de Joelza Ester Rodrigue, adotado como livro didático de 8ª série (Colégio Estadual João Ricardo Von Borell du Vernay, Ponta Grossa) no qual a autora, no início de cada capítulo, parte de um texto literário para chegar aos conteúdos de História.

No capítulo 1: “Quem governa o Brasil na 1ª República” o texto inicial vem da obra de Érico Veríssimo, “O Retrato” e ainda possui o texto de Jorge Amado “Gabriela, cravo e canela” para discutir a questão do coronelismo. No capítulo 2: “Como o povo brasileiro resistiu à opressão” cita trechos de “Os Sertões” de Euclides da Cunha e do filme produzido a partir da obra. No capítulo 5: “Socialismo e Anarquismo” há um trecho de “Anarquistas, graças a Deus” de Zélia Gattai. No capítulo 10 “Era Vargas”, temos o texto de “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos. No capítulo 13: “Período Democrático” o início se dá com “O bem-amado” de Dias Gomes e ainda “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto e por fim no capítulo 15 “O regime militar” começa com “Feliz Ano Velho” de Marcelo Rubens Paiva.

Os textos são utilizados como forma de atrair a atenção dos alunos para o conteúdo de História a partir de uma composição textual diferente daquela utilizada pelo discurso histórico tradicional. Lendo o texto, dialogando sobre ele, parte-se para o estudo da História oficial, não há discussão sobre a elaboração do texto ficcional ou poético enquanto discurso literário, com suas características específicas como arte.

O livro didático público de Língua Portuguesa para o Ensino Médio traz em várias Folhas a relação entre a História e a literatura. Tomaremos como exemplo três momentos.

No capítulo 2 destinado ao “Labirinto da linguagem jurídica”, historicamente se retoma as origens do código civil no mundo e no Brasil e depois se trabalha com textos literários buscando aproximar idéias: uma crônica de Luís Fernando Veríssimo “A cláusula do Elevador” e poemas, como “Soneto de fidelidade” de Vinicius de Moraes são lidos para discussão de idéias e para distinção do tipo de linguagem usada em cada uma das manifestações escritas.

No capítulo 3 “Discursos da negritude”, a partir do texto de Jorge de Lima “Essa negra Fulô”, perpassando por Ledo Ivo com “Negra” e “A última crônica” de Fernando Sabino se resgata a história do negro, partindo da possibilidade de entrelaçamento de idéias entre os textos de diferentes épocas da literatura e vai além, pois tece relação com outras áreas do conhecimento, especificamente a História.

No capítulo 14, no estudo sobre “Múltiplas significações” trabalha-se com o poema “História” de Raul Bopp e se propõe como atividades: o levantamento dos acontecimentos históricos presentes na poesia, as diferenças entre o poema e o discurso histórico, a retirada de algumas metáforas e metonímias explicando seus sentidos e buscando a relação com o fato histórico. Trabalhando com a polissemia, ainda se aborda da História a ditadura militar, o AI-5, trazendo letras de músicas da época, “Apesar de você” de Chico Buarque, numa tentativa de fazer o aluno transitar por diversas formas de expressão artística e científica num encadeamento de relações possíveis.

Considerações finais

Podemos observar que há uma tentativa significativa, mas tímida, de se trabalhar uma relação entre História e literatura numa perspectiva rizomática, já presente nos livros didáticos consultados. Entretanto, esse leque de exploração pode ser ampliado, pois se verificou a partir das referências teóricas que o discurso histórico e o literário, ressaltando suas especificidades, podem ser concomitantemente trabalhados, oportunizando ao aluno ampliar sua capacidade de compreender tanto a História quanto à literatura como possibilidades de conhecimento do mundo.

Assim, utilizar-se dos textos literários de temática histórica como uma porta de entrada para o estudo da literatura, como um

platô evidente para novos agenciamentos, novas significações, novas relações com os demais textos de outras áreas parece ser a maneira de tornar a literatura mais significativa e atraente para os alunos, configurando assim a História e a literatura como um rizoma possível.

Pensar na organização de oficinas ou cursos que oportunizem aos professores novas formas de trabalhar com os textos literários seria melhorar e ampliar a metodologia no ensino de literatura em sala de aula. Explorar a construção artística partindo da análise de um poema ou ficção que trate de um fenômeno histórico e discutindo as questões relativas ao discurso próprio do historiador enriqueceria e muito o trabalho com literatura de modo rizomático.

Referências

BASTOS, Alcmeno. **Introdução ao Romance Histórico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOSI, Alfredo. **Caminhos entre literatura e história**. 2005 <http://www.scielo.br/scielo.php?script> Acesso em: 19 maio 2007, 16h40min.

CHATIER, Roger. Debate: Literatura e História. In: **Topói. Revista de História**. Rio de Janeiro, n.1, 2000, p. 197-215.

CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio Wolf de. **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, Literatura e Escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1989.

MENDONÇA, Carlos Vinicius Costa de & ALVES, Gabriela Santos. **Os desafios teóricos da História e Literatura**. 2002. Disponível em: http://www.uol.com.br/historia_viva/artigos/literatura_e_historia.html
Acesso em: 20 maio 2007, 15h15min.

PESAVENTO, Sandra. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (séc. XIX e XX). In. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995, p.115-127.

RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.

RODRIGUE, Ester Joelza. **História em documento: Imagens e Texto**. 2.ed. São Paulo: FTD, 2002.

SARAMAGO, José. História e Ficção. In: **Jornal de Letras, Artes e Idéias**. Lisboa, 1990, p. 7-19.

SECRETARIA DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná**. 2006.

_____. **Livro didático público de História**. Vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006.

_____. **Livro didático público de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira**. Vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 37-45.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 97-116.